



## TRADUÇÕES TURÍSTICAS “BEM MATO GROSSO”: DECISÕES HOMEM + MÁQUINA

Beatriz Arruda Acosta Ferreira da Cruz (UNEMAT)<sup>1</sup>  
beatriz.acosta@unemat.br

Daniele Angélica Borges Foletto (UNEMAT)<sup>2</sup>  
daniele.foletto@unemat.br

Priscila Borges Coutinho (UNEMAT)<sup>3</sup>  
priscila.borges@unemat.br

**Resumo:** Com o crescente acesso e uso de dispositivos móveis de comunicação, mais especificamente, os smartphones, os quais são potenciais equipamentos que podem fornecer o acesso aos tradutores, objeto de estudo desta pesquisa, favorecidos por funcionalidades continuamente renovadas e atraentes a muitos perfis de usuários. Debruçamo-nos sobre o potencial discursivo do *Google Translate*, ferramenta de tradução instantânea de texto e *websites* para mais de 100 idiomas. Buscamos compreender suas potencialidades e fragilidades no contexto do ensino de Língua Inglesa. O *Google Translate*, apesar de sua conveniência e ampla variedade de idiomas, apresenta limitações evidentes. Ele tende a fazer traduções literais, ignorando contextos e nuances da linguagem, resultando em perda de significado. Embora útil para compreensão geral, não substitui tradutores humanos, especialmente em tarefas críticas como documentos legais e textos complexos. Este artigo é um recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento com o objetivo de analisar quais são as potencialidades e fragilidades do *Google Tradutor* nos contextos de práticas de ensino de Língua Inglesa, e que busca apresentar a hipótese é a de que tradutores não produzem traduções confiáveis, pois se baseiam na literalidade linguística e não conhecem elementos inerentes à comunicação humana, tais como polissemia, ambiguidade, dentre outras figuras de linguagem.

**Palavras-chave:** Google Translate; tradução automática; língua inglesa; tecnologias

**Abstract:** With the increasing access and use of mobile communication devices, more specifically, smartphones, which are potential equipment that can provide access to translators, the object of study in this research, favored by continually renewed features that are attractive to many user profiles. We look at the discursive potential of Google Translate, a tool for instantly translating text and websites into more than 100 languages. We seek to understand its strengths and weaknesses in the context of English language teaching. Google Translate, despite its convenience and wide range of languages, has obvious limitations. He tends to make literal translations, ignoring contexts and nuances of the language, resulting in a loss of meaning. While useful for general understanding, it does not replace human translators, especially in critical tasks such as legal documents and complex texts. This article is an excerpt from ongoing doctoral research with the aim of analyzing the potentialities and weaknesses of Google Translate in the context of English language teaching practices, and which seeks to

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística, UNEMAT, Campus de Cáceres-MT.

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística, UNEMAT, Campus de Cáceres-MT.

<sup>3</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística, UNEMAT, Campus de Cáceres-MT.

present the hypothesis that translators do not produce reliable translations r, as they are based on linguistic literality and do not recognize elements inherent to human communication, such as polysemy, ambiguity, among other figures of speech.

**Keywords:** Google Translate; automatic translation; english language; technologies

## Introdução

A necessidade de expressar sentimentos e opiniões, bem como de registrar experiências, direitos e deveres, nos acompanha em nossa constituição histórico-social desde muito tempo. Como uma nova forma de estabelecer conexão/interação entre indivíduos, por meio de um outro contexto, o homem criou um tipo especial de tecnologia: a *tecnologia de inteligência*, tal como é chamada por Kenski (2003). A base da tecnologia de inteligência é imaterial, ou seja, ela não existe enquanto uma máquina, por exemplo, mas sim, enquanto uma forma de linguagem (KENSKI, 2003).

Quando falamos em professores, seu papel deixa de ser apenas dominar o conteúdo e transmitir conhecimento, mas sim, construir ambientes que possam promover a autonomia de seus aprendizes, desafiando-os a aprender com os outros através de oportunidades de colaboração e interação social. A formação inicial e continuada de professores é essencial para que ocorra a utilização frequente das tecnologias funcionando enquanto uma efetiva ferramenta pedagógica nas escolas como recurso para promover a autonomia dos alunos.

De acordo com Pereira-Neto (2006), o primeiro aspecto acerca da utilização da internet trata-se da flexibilidade de tempo. Quem se utiliza da internet não está sujeito, por exemplo, a horários de uso rígidos e pré-estabelecidos. O usuário escolhe, então: “[...] o horário mais conveniente para realizar os seus trabalhos e efetuar as suas pesquisas, sem estar sujeito aos horários da biblioteca escolar e à disponibilidade de computadores [...]” (PEREIRA-NETO, 2006, p. 209).

Desse modo, essa característica: “[...] pressupõe que o aluno possua um computador em casa ligado à rede, o que nem sempre acontece o que pode gerar desigualdades no acesso à informação promovendo a infoexclusão” (PEREIRA-NETO, 2006, p. 209). Na emergência do tempo contemporâneo que permeia as diferentes sociedades espalhadas pelo mundo, em suma, não é possível admitir um ensino dialético que não leve em conta todos esses aspectos funcionando em articulação entre si, no processo de ensino-aprendizagem, dentro dos diferentes contextos proporcionados aos aprendizes, dentro e fora da sala de aula.



Na contemporaneidade, de acordo com Barton e Lee (2015), está sendo mais aceita a assertiva de que todos os âmbitos das configurações de vida social, até mesmo as atividades mais simples e cotidianas, as práticas relacionadas às relações do mercado de trabalho, bem como os processos do ensino-aprendizagem, ser transformados pelos constructos que envolvem as tecnologias digitais. Assim, com as práticas acadêmicas, esse processo não ocorre de diferente maneira (BARTON; LEE, 2015).

Conforme Castells (2004), a internet não é uma simples tecnologia de comunicação, mas o epicentro de muitas áreas da atividade social, econômica e política da sociedade. A web é uma tecnologia que tem alto potencial para criar ambientes de aprendizagem inovadores e desafiantes ao facilitar o acesso a expoentes fontes de informação dificilmente acessíveis por outros meios, assim como a grandes quantidades de recursos multimídia.

De acordo com Barton e Lee (2015), a internet materializa várias relações, bem como formas de interação novas, ao passo em que inclui diversos grupos sociais que vão criando afinidade entre si. Sabemos, pois, que as pessoas interagem umas com as outras sem que haja a presença física, por meio da internet, além de se relacionarem de forma mais fluida (BARTON; LEE, 2015).

Nessa direção, conforme aponta Lévy (1993), todos os conhecimentos adquiridos, ao longo de nossa vida humana, são absorvidos e, conseqüentemente incorporados aos poucos, após uma longa exposição às experiências, processo que ocorre através da identificação de e com os nossos corpos, gestos, reflexos e, com efeito, com a singularidade carregada no íntimo de cada um (LÉVY, 1993).

Desse modo, há o que se pode denominar de processo de construção da memória. Os professores precisam estar bem-informados e ativos quando se tratar desse assunto no âmbito do espaço escolar. Com isso, os educadores podem e devem aproveitar esses recursos e utilizar esses dispositivos como ferramentas de uso didático-pedagógico em suas aulas.

E, nesse viés, tem-se a questão do espírito crítico no âmbito do uso da internet, o qual contribui de forma efetiva: “[...] para o desenvolvimento do espírito crítico, pela necessidade de seleção da informação, com vista à resolução de problemas” (PEREIRA-NETO, 2006, p. 209). Com o crescente acesso e uso de dispositivos móveis de comunicação, mais especificamente, os smartphones, os quais são potenciais equipamentos que podem fornecer o acesso aos tradutores, objeto de estudo desta pesquisa, favorecidos por funcionalidades continuamente renovadas e atraentes a muitos perfis de usuários.



O âmbito do mobile-learning tem se tornado cada vez mais pertinente enquanto um objeto e um campo profícuo de pesquisas acadêmico-científicas, em que são tratadas emergentes problemáticas de aprendizagem com propósitos formais, informais, incidentais (MARSIK; WATKINS, 2001), observados com alto grau de autonomia e escolhas, ao passo em que essa não seja uma realidade verificável em todas as escolas do Brasil, é possível que encontremos acesso à internet.

Esta pesquisa é um recorte de uma tese em andamento no âmbito do PPGL-UNEMAT. Debruçamo-nos sobre o potencial discursivo do *Google Translate*, ferramenta de tradução instantânea de texto e *websites* para mais de 100 idiomas. Buscamos compreender suas potencialidades e fragilidades no contexto do ensino de Língua Inglesa.

A hipótese central é que os tradutores automáticos não produzem traduções confiáveis, pois se baseiam na literalidade linguística e carecem de compreensão de elementos intrínsecos à comunicação humana, como polissemia e ambiguidade. Teoricamente, amparamo-nos em discussões sobre o Letramento Digital (Buzato, 2006; Dudeney, Hockly, Pegrum, 2016) e Letramento Crítico (Pennycook, 2001; Rajagopalan, 2003; Moita Lopes, 2008,). Adotamos também o conceito de cibercultura (Lévy, 1993), e as discussões de Arrojo (2007) sobre tradução. Este é um estudo exploratório, qualitativo, que se vale da pesquisa documental.

## 2 Metodologia

Neste estudo, adotamos a pesquisa documental, que é um método que permite rastrear a evolução de indivíduos, grupos, conceitos e práticas ao analisar documentos como fontes de informações e evidências, conforme a pesquisa de Cellard (2008) e Figueiredo (2007). Essa abordagem utiliza documentos para elucidar questões e oferecer suporte à pesquisa. Sendo assim, registramos por meio de fotografias, recorrências de traduções equivocadas em cardápios e cartazes.

A presente pesquisa se embasa, ainda, em Gil (2002), o qual diz que a pesquisa de tipo explicativa pode: “[...] ser uma continuação de outra descritiva, posto que a identificação de fatores que determinam um fenômeno exige que este esteja suficientemente descrito e detalhado” (Gil, 2002, p. 43).

O estudo de caso permite, ao pesquisador: “[...] o foco em um caso específico num viés holístico da realidade de vida e de mundo” (Yin, 2015, p. 17). Este tipo de estudo caracteriza-se, conforme Yin (2015), como:



“[...] uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo (o “caso”) em profundidades e em seu contexto de mundo real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto puderem não ser claramente evidentes” (Yin, 2015, p. 17).

Portanto, pretendemos compreender os fenômenos, em sua totalidade, no sentido de aprofundar o contexto, bem como o caso estudado e fazer os recortes possíveis que definirão e/ou alterarão os caminhos metodológicos no percurso da pesquisa.

### 3 Resultados e discussões

Assim como outrora escrevíamos e enviávamos cartas, telegramas, escutávamos CD's (*compact disc*), fazíamos pesquisas em enciclopédias impressas, utilizávamos fitas cassetes para ouvir e assistir a filmes, músicas e clipes, também utilizávamos aparelhos como walkman, sons portáteis e vídeo cassete com gravadores; além de consultarmos dicionários impressos em bibliotecas. Hoje, com a disseminação dos diferentes suportes tecnológicos, utilizamos o *Google Translate* e/ou aplicativos de tradução para traduzirmos frases e/ou palavras. Hoje, mais facilmente, enviamos e-mail (correio eletrônico), enviamos mensagens de texto por diferentes aplicativos de conversas sociais, como o *Whatsapp*, por exemplo, bastante conhecido por proporcionar o envio de mensagens de texto, voz (por meio da gravação de áudios), bem como o compartilhamento de imagens e vídeos. Utilizamos a internet, também, para nos auxiliar em pesquisas e traduções de palavras.

Esse salto tecnológico vem alterando constantemente a maneira pela qual nós criamos os sentidos expressos por uma determinada mensagem, uma vez que mudamos, tanto os meios, quanto os recursos que utilizamos para este fim, a comunicação. Nossa comunicação se tornou muito mais visual, auditiva, sinestésica e gestual, pois estamos conectados globalmente por meio da velocidade e da acessibilidade dos meios digitais e tecnológicos de comunicação, fazendo com que o cenário mundial seja multi e pluricultural.

É nessa velocidade e praticidade que podemos comprar produtos via internet, assistir às aulas de outros grupos de forma quase instantânea, o que no passado, era tido como algo impossível de ser pensado e realizado, principalmente no espaço da educação. Desse modo, essas mudanças, decorrentes das novas tecnologias digitais:

[...] se encaixam em mudanças sociais mais amplas. A vida contemporânea está mudando em muitos aspectos e isso impacta a linguagem e as práticas comunicativas. A tecnologia é parte central disso, mas é apenas um elemento num conjunto de fatores interligados (BARTON; LEE, 2015, p. 12).



A linguagem, conforme afirmam Barton e Lee (2015): “[...] é feita e refeita nas relações entre as pessoas. Isso ocorre no nível micro de duas pessoas interagindo e no nível macro de comunidades inteiras” (Barton; Lee, 2015, p. 50).

Stengers e Schlanger (1989) demonstraram que, longe de identificar-se com uma inovação técnica, as tecnologias se constituem em uma criação de potenciais significações. Nesse sentido, estas significações remetem, tanto a restrições econômicas (custas, patentes, situação do mercado, investimentos, estratégias de desenvolvimento da firma, etc.), quanto sociais (qualificações, relações sociais implicadas à construção e/ou utilização da inovação, etc.), de ordem política (acessibilidade das matérias-primas, estado da legislação a respeito da eventual poluição, monopólios do Estado, etc.) e/ou de origens culturais (relações com o público) (Stengers; Schlanger, 1989).

Desse modo, algumas inquietações surgem, tais como o modo de repensar o ensino de línguas estrangeiras, em suma, de língua inglesa, diante de tais mudanças, ou seja, estamos lidando com os novos modos de pensar como aliar essas mudanças à prática didático-pedagógica no contexto da sala de aula, no sentido de contribuir para o desenvolvimento da sociedade por meio da educação linguística, do exercício da comunicação e dos processos de interação social. Pensemos, por exemplo, situações interacionais decorrentes das novas mídias desenvolvidas e implementadas em nosso cotidiano, como o uso das redes sociais, das quais: Facebook, Instagram, Twitter, Tiktok, dentre outras.

Barton e Lee (2015) afirmam, nesse sentido, que os idealizadores de aplicativos de interação social, tais como o Facebook, por exemplo: “[...] fornecem uma moldura forte, com layout e as virtualidades de suas aplicações [...]” (BARTON; LEE, 2015, p. 22). Nesse movimento, no âmbito dessas grandes estruturas sociais: “[...] o conteúdo que os usuários fornecem é relativamente livre, embora possa haver formas de moderação e conflitos resultantes de censura. Weblogs e Twitter, são exemplos comuns da web 2.0, onde, dentro de determinado âmbito, as pessoas publicam seus próprios textos, compartilhando-os com os outros” (Barton; Lee, 2015, p. 22).

A participação social de diferentes usuários está atrelada à ideia da web 2.0, tal como nos ensina Barton e Lee (2015), pois o modo de interação social por escrito, upload e download de imagens e vídeos se faz presente. Já o Facebook e o Twitter, por exemplo, são plataformas



destinadas a pessoas que têm o objetivo de interagirem com outras pessoas e/ou grupos sociais, bem como:

“[...] se conectarem pela palavra escrita e/ou outros conteúdos multimodais. Os usuários desses sites geralmente compartilham seus interesses e experiências cotidianos, avaliando e reagindo à música que ouviram, aos livros que leram e aos hotéis e restaurantes que visitaram” (BARTON; LEE, 2015, p. 22).

As novas tecnologias não são mais novas: e-mail e mensagens instantâneas são referidas como mídias velhas, quando comparados com sites da web 2.0, como o Facebook, que também já não é novo. A ideia de se comunicar on-line e participar de atividades virtuais era nova na década de 1990, mas uma geração de pessoas está crescendo e vendo a mídia digital como algo rotineiro (BARTON; LEE, 2015, p. 20).

Sob essa perspectiva, lidar com as diferenças linguísticas e culturais tem se tornado essencial na vida social e no trabalho das pessoas. O letramento visual, com efeito, tem contribuído significativamente à aprendizagem de língua estrangeira, pois contém áudios e vídeos, facilitando, assim, a interação do aluno e/ou da pessoa com os dispositivos utilizados como recurso para a mediação da aprendizagem, tornando, tanto o ensino, quanto a aprendizagem da língua, mais interativa e atrativa, bem como mais prazerosa.

O uso das tecnologias permite uma interação genuína, seja por meio da tela de um computador e/ou de um smartphone. Passamos, com isso, a ter acesso a um mundo de imagens que podem transformar a forma como enxergamos e interpretamos as coisas do mundo e, ao mesmo tempo, criamos as nossas próprias imagens e vivências ao longo de toda a nossa vida. No entanto, embora o uso de imagens esteja presente no ensino de línguas, desde muito tempo, o uso das contemporâneas ferramentas tecnológicas podem ser ainda mais exploradas, por meio de vídeos, criação de imagens com ferramentas digitais, colagens, etc.

Os letramentos multimodais, nesse sentido, reconhecem a multiplicidade de significados e combinam vários modos, quais sejam: o visual, gestual, auditivo, o movimento, dentre outros. Não podemos esquecer, sobretudo, que as diferentes representações, no cerne dessas perspectivas, sugerem que é necessário repensar os olhares acerca da língua e da linguagem, bem como as suas diferentes relações com a identidade e a localização geográfica dos sujeitos e dos grupos sociais, em um processo de constante reconstrução, tanto do mecanismo da língua, quanto acerca das práticas de linguagem e, notadamente, dos modos de interpretação subjetiva das coisas do mundo.



De acordo com Hargittai (2010), expressivo número de pesquisas acerca da linguagem atrelada às novas tecnologias se ocupa em estudar sobre as atividades on-line desenvolvidas por jovens e, frequentemente, aos seus usos no âmbito das práticas digitais desenvolvidas em seus perfis de mídias sociais. Nesse sentido, sobre as práticas digitais e/ou on-line, Barton e Lee (2015) anunciam que as investigações que tratam especificamente da questão das práticas on-line, no âmbito dos estudos acadêmico-científicos: “[...] proporcionam novas possibilidades de metodologia de pesquisa linguística. De modo determinante, a internet oferece, gratuitamente, grandes quantidades de dados textuais [...]” (Barton; Lee, 2015, p. 37).

É salutar que não estereotipemos, pois, o uso da internet apenas e tão somente no desenvolvimento de atividades e práticas sociais desenvolvidas por jovens nas mídias sociais. É imprescindível que se pense, sobretudo, que a ideia de nativos digitais, e de divisão digital, mascara consideravelmente a variedade de conhecimentos e experiências entre os jovens (Hargittai, 2010; Bennet et al., 2008) e, também, entre as pessoas mais velhas. Além do mais, não há idade clara para marcar uma diferença no uso da tecnologia.

Barton e Lee (2015) nos chamam à atenção para o fato de que a abordagem situada sob a égide da linguagem on-line, o que vimos afirmando e, mais adiante, fundamentando para uma resolução possível da problemática em questão, implica que compreendamos tanto os textos linguísticos, quanto as práticas sociais emergidas a partir dessa relação homem-máquina-internet. De acordo com as palavras de Barton e Lee (2015): É também pelo estudo dos detalhes da relação cotidiana das pessoas com a tecnologia que podemos examinar de perto as práticas associadas ao uso e produção da linguagem em contextos on-line. Usuários das novas mídias se valem das virtualidades das mídias que estão usando de acordo com os seus propósitos numa situação particular. Todo usuário de tecnologia é único. As pessoas desenvolvem seu próprio conjunto de práticas em resposta ao que acham que as tecnologias podem fazer em suas vidas (Barton; Lee, 2015, p. 98).

A partir dessas considerações de Barton e Lee (2015), é que nos projetamos no intuito de estudar, efetivamente, como esses usos, especialmente o uso de ferramentas, tais como os tradutores, em sala de aula, pelos professores de língua inglesa e língua espanhola, acontecem e, ainda, como esses usos mostram os potenciais movimentos e relações entre indivíduos e máquinas, com a questão primordial nessa relação, que é o ensino-aprendizagem (BARTON; LEE, 2015).



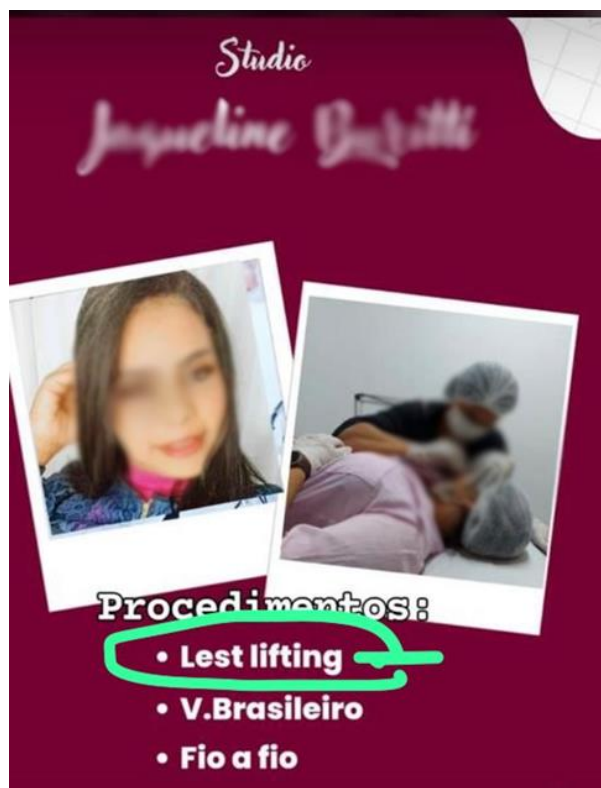


Haverá, pois, duas vertentes de utilização do terminal inteligente. A vertente da interatividade, em primeiro lugar, conectada a memórias densas fisicamente presentes e/ou ao estoque disponível na rede. Podemos imaginar, a partir disso, facilmente o desenvolvimento de micro interfaces relacionadas aos principais sentidos e módulos cognitivos dos seres humanos, dos quais: reconhecimento parcial da fala, síntese vocal, telas tácteis, mesas digitalizadoras para desenho e/ou escrita à mão, comandas através do movimento dos olhos, comandas da voz e/ou gestos da mão, etc.

Essa interação pode se dar, ainda, sob o uso de anonimato, uma vez que os usuários podem preencher seus dados sociais omitindo e/ou, até mesmo, alterando dados verdadeiros para assumirem outras posições e papéis que não o fazem fora da internet. Isso pode ser entendido como a posição assumida pelos sujeitos diante da disponibilidade de deslocamentos de e por meios digitais em que, ser o que se quer ser ou pretende-se aperfeiçoar, torna-se possível (BARTON; LEE, 2015). Desse modo, não se pode, na contemporaneidade permeada pela internet que flui na rapidez de um click, separar convívios sociais que outrora ocorriam de modo presencial, do convívio on-line e off-line, uma vez que:

“[...] as pessoas podem ter fortes laços off-line em qualquer site on-line. Podem atuar em empreendimentos comuns, tais como fornecer *tags* cooperativamente ou contribuir para avaliações sem consciência de sua participação” (BARTON; LEE, 2015, p. 53).

Figura 1 –Lest (Lash)



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2023

Figura 2 – Pepperone (Sausage)



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora 2023

Figura 3 –Hug (Hugs)



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora 2023

Figura 4 – Cowtry (Country)



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora 2023

Figura 5 – Bullet (Candy)

abudi HOTEL		abudi HOTEL	
PREZADO HÓSPEDE, CONFIRA A QUANTIDADE DE ITENS EM SEU FRIGOBAR ANTES DE CONSUMIR. QUALQUER DÚVIDA LIGUE PARA A RECEPÇÃO, RAMAL 40.		DEAR GUEST, CHECK THE NUMBER OS ITEMS IN THE MINIBAR BEFORE CONSUMING. ANY PROBLEM, PLEASE CALL THE FRONT DESK, EXTENSION 40.	
4	Água Mineral sem Gás R\$ 3,00	4	Mineral Water R\$ 3,00
2	Água Mineral com Gás R\$ 3,00	2	Sparkling Water R\$ 3,00
3	Refrigerante R\$ 5,00	3	Soft Drink R\$ 5,00
2	Cerveja R\$ 5,00	2	Bier R\$ 5,00
1	Batata chips R\$ 5,00	1	Potato chips R\$ 5,00
1	Salgadinho R\$ 3,00	1	Snacks R\$ 3,00
1	Amendoim R\$ 2,50	1	Peanut R\$ 2,50
1	Chocolate R\$ 3,00	1	Chocolate R\$ 3,00
1	Barra de cereais R\$ 3,00	1	Cereal bar R\$ 3,00
1	Bala R\$ 2,50	1	Bullet R\$ 2,50
TOTAL DE ITENS: 17		TOTAL OF ITEMS: 17	
PROCON – Av. Historiador Rubens de Mendonça, 917 – Araés - Edifício Eldorado Center - Fone 65 3613-8500 Cuiabá-MT		PROCON – Av. Historiador Rubens de Mendonça, 917 – Araés - Edifício Eldorado Center - Fone 65 3613-8500 Cuiabá-MT	

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora 2023

O *Google Translate*, apesar de sua conveniência e ampla variedade de idiomas, apresenta limitações evidentes. Ele tende a fazer traduções literais, ignorando contextos e nuances da linguagem, resultando em perda de significado. Embora útil para compreensão



geral, não substitui tradutores humanos, especialmente em tarefas críticas como documentos legais e textos complexos. Portanto, é importante estar ciente de suas limitações e considerar profissionais quando precisão é essencial. Nas palavras de Arrojo (2007) é fundamental no processo de tradução que todos os componentes significativos do original alcancem a língua-alvo, de tal forma que possam ser usados pelos receptores.

O Google tradutor é um dos tradutores automáticos mais conhecidos pela população no geral (PIRUZELLI, 2011; SILVA, 2010). Fornecido pela empresa americana multinacional Google, ele oferta um serviço de tradução multilingual e abrange, atualmente, 90 idiomas (COSTA; DANIEL, 2013; GOOGLE TRADUTOR, 2015). Até outubro de 2007, o Google Tradutor trabalhava dentro do modelo Systran, mas a partir daí, começou a desenvolver as traduções baseadas em estatísticas (SMT).

Silva (2010) esclarece que o sistema de tradução do Google tradutor é focado numa série de procura de padrões em vários documentos já existentes e que tenham o léxico que o tradutor automático precisa, característica própria da TA, baseado em dados estatísticos. Desta forma, ele tem um grande leque de informações e pode decidir qual é o melhor trabalho a ser realizado. O Google Tradutor, assim como todas as ferramentas de tradução automática, tem suas limitações.

O serviço adstringe o número de parágrafos a uma variedade restrita de termos técnicos que podem ser traduzidos. Embora possa facilitar a compreensão da leitura de um texto em língua estrangeira, ele fornece algumas traduções com equívocos, e muitas vezes com repetições desnecessárias. Gramaticalmente, por exemplo, o Google Tradutor luta para diferenciar o tempo perfeito e imperfeito em línguas românicas. Embora aparentemente pedante, isto pode frequentemente levar a resultados tradutórios incorretos (para um falante de português, francês e espanhol, por exemplo), o que poderia ser evitado por um tradutor humano. O conhecimento, pois, do modo subjuntivo é virtualmente não existente. Além do mais, a 2ª pessoa do singular, tu, é usada de modo constante, independentemente do contexto (COSTA; DANIEL, 2013; SILVA, 2010).

Algumas línguas produzem melhores resultados do que outras. O Google Tradutor atua bem quando o Inglês é a língua-alvo, e a língua-fonte provém da União Europeia. Pesquisa realizada em 2010 indica que a tradução do francês para o inglês é quase perfeita e outras realizadas em 2012 mostraram que a tradução do Italiano para o Inglês também é relativamente precisa (GOOGLE TRADUTOR, 2015).



O referido tradutor automático não aplica regras gramaticais, uma vez que seus algoritmos são baseados em análises estatísticas. Dessa forma, ele não faz tradução de uma língua para outra ( $L1 \rightarrow L2$ ). Ao contrário, ele primeiramente traduz para o inglês e então para a língua-alvo: ( $L1 \rightarrow EN \rightarrow L2$ ). O idioma inglês é ambíguo, como muitas línguas humanas e, como há dependência de um contexto para uma melhor interpretação, sempre há erros (SILVA, 2010).

Piruzelli (2011) salienta, de forma mais analítica, as considerações feitas por Silva (2010) e Aiken e Balan (2011) no tocante à procedência das traduções do Google tradutor, ao afirmar que os resultados exploratórios desenvolvidos para o sistema de tradução do Google não mostra uma confiabilidade consistente, e elenca que seu desempenho pode ser atribuído aos distintos pesos colocados nas possibilidades tradutórias: (1) devido às divergências de frequência de ocorrências das formas e construções lexicais e morfológicas propaladas na rede virtual e (2) devido ao fato de os dados, na rede, não estarem disponíveis para o tradutor em quantidades constantes, não serem estáveis, mas, sim, variáveis com o tempo e ao sabor do momento em que a tradução é realizada.

No contexto da pesquisa aqui apresentada, um dos questionamentos mais relevantes é justamente em que medida as limitações dessa ferramenta tradutória podem ser socializadas em sala de aula, num contexto de colaboração, de forma a fazer com que o aprendiz de inglês como língua estrangeira pense, trabalhe e partilhe seus conhecimentos do idioma, gerando, pois, um aprendizado significativo para suas vidas.

O ensino de língua inglesa como língua estrangeira, na perspectiva do ensino atual, precisa ter uma proposta metodológica em que a suplantação dos métodos é importante, com vistas a empoderar professores que, cientes de seus objetivos, poderão lançar mão do que lhes convier para ensinar sua turma. Seja usando a tradução automática ou outros instrumentos, os meios usados para se chegar à aprendizagem acabam se tornando irrelevantes, o que, por sua vez, implica desconsiderar o próprio conceito de método (OLIVEIRA, 2014). Se hoje nossos alunos têm oportunidade de utilizar aplicativos tradutórios, como o Google tradutor, para executar suas atividades, fato impensável em outras épocas, quando quase ninguém tinha acesso à Internet, que seja pelo parâmetro da praticidade, que de maneira ampla, se refere à relação entre teoria e prática e, de maneira específica, à habilidade do professor de monitorar a eficácia de sua própria prática pedagógica (COSTA; DANIEL, 2013).



Nessa direção, o aluno que faz uso de recursos digitais precisará ser letrado digitalmente, pois as tecnologias exigem o domínio de funções básicas, como manusear o tradutor, compreender a sua necessidade de correção e adaptação do texto apresentado, etc. Além disso, exige-se competências que ultrapassam os conhecimentos técnicos, exige também letramento e isso precisa ser considerado pelos professores em sala de aula. (ACOSTA,2020)

#### 4 Conclusão

A análise de traduções equivocadas destaca a importância de considerar suas fragilidades e se pensar, no contexto educacional, um trabalho alinhado ao desenvolvimento de letramentos digitais e críticos.

Diante do que foi abordado, podemos afirmar que a tradução apresenta-se como um campo fértil de possibilidades didáticas que auxiliam no processo de ensino e aprendizagem da Língua Inglesa e no processo tradutório, contribuindo para que haja um aperfeiçoamento tanto da língua alvo quanto da língua materna do aprendiz, bem como na sua formação crítico-reflexiva dos discentes a partir do momento em que são inseridas discussões que envolvam questões socioculturais.

Essa prática, por sua vez, proporciona ainda aos seus educandos refletirem sobre as suas próprias raízes culturais à medida que vão tendo contato com outras culturas, aprendendo com isso a conviver e respeitar as diferenças. Embora a globalização já possibilite essas experiências fora do contexto escolar.

Ainda mais, com a chegada das tecnologias no ambiente educacional e sua inserção nos Estudos da Tradução, podemos perceber que estas questões viabilizaram um maior incremento nesse cenário.

A rigor, a escola e os professores têm o compromisso de tornar os alunos sujeitos que saibam de fato manipular computadores, *smartphones* e demais recursos, assim como compreender o funcionamento de ferramentas digitais básicas e as funções presentes nos textos digitais. Mesmo que se trate de uma geração já nascida em meio a computadores e internet, é necessário aprender a lidar de forma organizada com esse excesso de informação em que estão expostos. (ACOSTA,2020)

Dessa forma, este artigo apresenta a importância de lidar com o Google Tradutor como recurso digital pedagógico e que há caminhos para isso. Portanto, deve ser considerado e abordado nos ambientes escolares como uma maneira de se trabalhar com práticas de escrita e



demais habilidades nas aulas de língua estrangeira. Utilizar google tradutor em sala de aula é uma maneira de fazer com que os alunos “aprendam a tomar e sustentar decisões, fazer escolhas e assumir posições conscientes e reflexivas” (BNCC, 2017, p.477), visto que as tecnologias estão cada vez mais presentes em nosso dia a dia.

### Referências

ACOSTA, Beatriz. **As Fake News Como Condições Iniciais Para As Práticas De Leitura Na Perspectiva Dos Sistemas Dinâmicos Complexos**. Dissertação (Mestrado em Linguística) Programa de Mestrado em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso. Cáceres-MT, 2020.

ALKMIN, Tânia Maria. **Sociolinguística**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (orgs.). Introdução à linguística. São Paulo: Cortez, 2001.

ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução: a teoria na prática**. 5. Ed. São Paulo: Ática, 2007.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC/ Ensino Médio)**. Brasília: MEC. 2017. p. 5 -33 e 461-489

B2B STACK. **DeepL: O que é e como funciona o tradutor de textos**. In: BLOGB2BSTACK, 2022. Disponível em: <https://blog.b2bstack.com.br/o-que-edeep-l-tradutor-de-textos/>.

BARTON, David; LEE, Carmem. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. Traduzido por Milton Camargo Mota. 1. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. 270 p.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Executiva. Secretaria de Educação Básica. Conselho Nacional de Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC): educação é a base**. Brasília: SEB/CNE, 2018. 595 p. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_-versaofinal\\_sit e.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_sit e.pdf).

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Orientações curriculares para o ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. p. 87-123.

BRASIL. Senado Federal. Secretaria Especial de Editoração e Publicações. Subsecretaria de Edições Técnicas. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN)**. Lei n. 9.394/1996 de 20 de dezembro de 1996. Dispositivos Constitucionais. Emenda Constitucional n. 11 de 1996. Emenda Constitucional n. 14 de 1996. Lei n. 9.424 de 24 de dezembro de 1996. Regulamentações Pertinentes. Brasília: Senado Federal, [1996], 2005. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>.

CAMBRIDGE DICTIONARY. **Dicionário Inglês/Português**. In: DICTIONARY. CAMBRIDGE, 2023. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/>.

CARDOSO, Caroline Rodrigues. **Original em inglês**. São Paulo: Parábola Editorial, [1972], 2008.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

FELIX, Uschi. **Virtual language learning**. Melbourne: Language Australia, 1998.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed., São Paulo: Editora Atlas, 2002.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. São Paulo: Papirus, 2003.

LEINER, Barry M.; CERF, Vinton G.; CLARK, David D.; KAHN, Robert E.; KLEINROCK, Leonard.; LYNCH, Daniel C.; POSTEL, Jon.; ROBERTS, Larry G.; WOLFF, STEPHEN. **A Brief History of the Internet**. ACM SIGCOMM Computer Communication Review, v. 39, n. 5, oct., p. 22-31, 2009. Disponível em: <http://www.aisa.com.br/futuro.html>.

LEITÃO, André Alexandre Padilha. **Logs de bate-papos virtuais: a transformação de um gênero hipertextual**. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Centro de Artes e Educação, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 2006. 208 p. Disponível em: [https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7800/3/arquivo7530\\_1.pdf.txt](https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7800/3/arquivo7530_1.pdf.txt).

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. 208 p.

LIGHTBOWN, Patsy; SPADA, Nina. **How languages are learned**. Oxford: OUP, 1993.

LINGUEE. **Dicionário inglês-português e buscador de traduções**. In: LINGUEE, 2023. Disponível em: <https://www.linguee.com.br/>.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. Ed., Rio de Janeiro: EPU, 2015.

MACDONALD, Janet. **Blended learning and online tutoring: planning learner support and activity design**. 2. Ed. Aldershot: Gower Publishing Company, 2008.

MOITA-LOPES, Luiz Paulo da. (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paul: Parábola, 2006.

MOITA-LOPES, Luiz Paulo da. **Oficina de linguística aplicada: natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.





PAIVA, V.L.M.O. **A www e o ensino de Inglês**. Revista Brasileira de Lingüística Aplicada. v. 1, n1, 2001.p.93-116.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. 1. Ed. São Paulo: Parábola, 2019. 160 p.

PEREIRA-NETO, Cidália de Lurdes. **O papel da internet no processo de construção do conhecimento**: uma perspectiva crítica sobre a relação dos alunos do 3º Ciclo com a Internet. Dissertação (Mestrado em). Braga: Universidade do Minho, 2006). Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6191/1/Tese.pdf>.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, [1916], 1995.

STENGERS, Isabelle; ALTMAN, Max. **A invenção das ciências modernas**. São Paulo: Editora 34, 2002. 205 p

TECHTUDO. **Google Tradutor** traduz textos entre mais de 70 idiomas. In: TECHTUDO, 2023. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/googletradutor/>.

TECNOBLOG. **Como funciona o google tradutor**: entenda como o google tradutor funciona, como utilizá-lo da melhor forma, e como fazer parte de sua comunidade. In: TECNOBLOG, 2018. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/comofunciona-o-google-tradutor/>.

TOWNER, Terri L; MUÑOZ, Caroline Kathleen. **Facebook and education**: a classroom connection? In: Wankel, Charles. (org.). Educating Educators with Social Media. Bingley: Emerald Group Publishing Limited, 2011. p. 33-57.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e Métodos. 4. Ed., Porto Alegre: Bookman, 2015.